

HOMOSSEXUALIDADE: PSICANÁLISE, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO

Eliseu Roque do Espírito Santo¹

Resumo:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a homossexualidade. Destina-se a verificar os esforços da psicanálise clássica para entender e definir o fenômeno da homossexualidade, que para muitos até hoje ainda é cercado por mistério, e entender como o tema é tratado dentro das igrejas cristãs e da escola. O autor conclui que os esforços iniciais da psicanálise clássica para entender o fenômeno da homossexualidade foram destinados a aliviar o sofrimento daqueles que enfrentaram o problema e procuraram ajuda terapêutica. Atualmente, a psicanálise/psicologia tende a ver a homossexualidade como um mero resultado de uma construção social, a fim de classificar os indivíduos. Na esfera religiosa, as igrejas cristãs especificamente, a homossexualidade é vista como pecado e transgressão da lei divina e da natureza. No entanto, os princípios de amor, justiça e graça, juntamente com as necessidades práticas das igrejas tendem a mudar no futuro a perspectiva de igrejas sobre o assunto. A escola é outro espaço na sociedade onde a homossexualidade manifesta-se, seja nos corpos dos sujeitos ou em materiais educativos. Observa-se no Brasil um esforço para tornar a escola um espaço para a discussão de questões de sexualidade e gênero, bem como de reconhecimento da identidade de gênero.

Palavras-chave: Homossexualidade. Psicanálise. Religião. Educação. Políticas.

1 INTRODUÇÃO

Um maniqueísmo teórico/jurídico domina a cena de debate da homossexualidade no Brasil, a lógica perversa de defender o direito próprio negando o do outro. O caminho adotado por teóricos, políticos e movimentos gays e/ou semelhantes tem sido de desconstruir o ideário heterossexual, ou seja, separar ou retirar a sexualidade do âmbito do biológico e da natureza humana² (CECCARELLI, 2015). Por outro lado, outros se mantêm firmes numa visão exclusivista de heterossexualidade (ex. Igreja, alas conservadoras dos partidos políticos, Movimento Escola Sem partido, entre outros), ignoram e se opõem em reconhecer o fenômeno

¹ Doutor em Teologia na área Religião e Educação pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, São Leopoldo, RS. Professor no curso de Teologia da Universidade do Grande Rio e de Educação no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: eliseu.roque@gmail.com

² Michel Foucault é sem dúvida o grande teórico que propõe a desnaturalização da sexualidade ao afirmar a norma sexual como um discurso socialmente construído, provavelmente com a função de reproduzir a força de trabalho e as relações sociais (cf. FOUCAULT, 1988).

da homossexualidade, e, como consequência, seus direitos³. Não haveria espaço para as duas normas? Uma sociedade democrática, livre e plural não deveria ter espaço tanto para heterossexuais como homossexuais?

Na questão da sexualidade, a opção do uso da categoria “gênero” ao invés de sexo se deu por motivo da necessidade de uma abordagem para além do biológico e da categorização macho e fêmea (SECAD/MEC,2007). A categoria gênero considera construções históricas, culturais e políticas que configuram identidades. Sua importância se dá pelo fato de considerar o ser humano muito mais que um ser biológico, um ser que se auto recria, se configura.

O ser humano é tanto objeto como sujeito da construção de sua identidade. Ao mesmo tempo em que é formado pelo meio social e físico em que vive, é capaz de transcendê-lo. Visões estáticas do ser humano, que o vê como ser acabado, negam, nas palavras de Freire, a “vocação ontológica do ser humano de ser mais” (1987, p. 106).

Este artigo pretende analisar como o fenômeno da homossexualidade tem sido tratado no âmbito da psicologia/psicanálise, religião e educação. Em primeiro lugar, é apresentada a discussão e seus desdobramentos nos campos da psicologia/psicanálise. Em segundo lugar é apresentada a compreensão religiosa das igrejas cristãs (católica e evangélica). Por último, são apresentadas e discutidas iniciativas no âmbito educacional.

2 O FENÔMENO DA HOMOSSEXUALIDADE: A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE

A homossexualidade é tão antiga como a humanidade. Ela surge como problema na sociedade moderna e se intensifica na sociedade pós-moderna junto com o clamor de minorias de diversos matizes em busca de um “lugar ao sol” a partir do ideal de sociedades democráticas, livres e pluralistas. Apesar de antiga, a homossexualidade é um fenômeno pouco compreendido na maioria das sociedades.

Enquanto na atualidade o debate sobre a homossexualidade, no Brasil, é mais frequente no âmbito jurídico e político, nas primeiras décadas do século vinte foi um

³ Richard Von Krafft-Ebing (1840-1902), psiquiatra alemão, com sua obra “Psychopathia Sexualis” é a inspiração para aqueles e aquelas que desejam apontar a homossexualidade como uma patologia. Para Krafft-Ebing a homossexualidade era uma perversão, uma doença (DAMETTO; SCHMIDT, 2015).

tema muito visitado pela psicanálise⁴. Seus esforços em definir, diagnosticar, tratar, trouxeram novas luzes sobre o problema. A carta escrita por Freud a uma mãe norte-americana de um provável homossexual ilustra bem como o debate se desenvolveu a partir do referencial da psicanálise:

Carta a uma mãe norte-americana

Entendo pela sua carta que seu filho é homossexual. Impressiona-me profundamente que a senhora não mencione este termo na sua informação sobre ele. Posso perguntar-te, porque o evita? A homossexualidade não é seguramente uma vantagem, mas não é nada que tenha que envergonharse, não é vício, nem depravação, nem a podemos classificar como enfermidade; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por certa fixação do desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos respeitáveis dos tempos antigos e modernos foram homossexuais, e vários dos maiores, entre eles Platão, Michelangelo, LeonardodaVinci, etc. É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como se fosse um crime, e é também crueldade. Se a senhora não crê em mim, leia os livros de Harvelock Ellis. Ao perguntar-me se eu posso ajudar, a senhora quer dizer, se eu posso abolir a homossexualidade e fazer que a heterossexualidade normal ocupe seu lugar. A resposta, em linhas gerais, é que não podemos realiza-lo. Em certos números de casos temos êxito em desenvolver os benditos gérmens de tendências heterossexuais que estão presentes em todo homossexual, na maioria dos casos já não é possível. É uma questão que depende da qualidade e da idade do indivíduo. É impossível predizer os resultados do tratamento. O que a análise pode fazer por seu filho é um assunto diferente. Se seu filho é infeliz, neurótico, atormentado por conflitos, se se sente inibido em sua vida social, a análise poderia trazer-lhe harmonia, paz mental, plena eficiência, permaneça homossexual ou não. A senhora decida se seu filho deva se submeter à análise por mim! Não creio que a senhora o fará! Terá que viajar até Viena. Não tenho a intenção de mover-me daqui. De todos os modos, não deixe de responder-me. Sinceros e cordiais votos.

Freud

P.S. Não me foi difícil ler sua escrita. Espero que não ache na minha escrita e meu inglês tarefa mais difícil. (RUITENBEEK, 1973, p. 17–18, tradução nossa).

Não é o propósito deste trabalho, fazer uma exegese da carta de Freud, coisa que os teóricos da psicanálise já o fizeram e fazem bem. No entanto, podemos em linhas gerais destacar conceitos que são importantes para a discussão do tema. Segundo Freud, a homossexualidade “não é vício, nem depravação, nem a podemos

⁴ A psicanálise é tanto um método terapêutico como uma teoria do funcionamento psíquico. Freud descobriu que se localizava no inconsciente os conteúdos que podiam explicar as neuroses e outros comportamentos humanos. Na sua primeira teoria explica o funcionamento psíquico a partir da interação de três sistemas: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Freud aperfeiçoa mais tarde sua teoria e denomina os três sistemas de Id, ego e superego. Ocupou uma grande importância nos estudos de Freud a sexualidade infantil e são bem conhecidas as fases do desenvolvimento sexual conforme a teoria psicanalítica: fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital. No decorrer da fase fálica (3 e 5 anos) ocorre o Complexo de Édipo que exerce importante papel na estruturação na personalidade do indivíduo.

classificar como enfermidade; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por certa fixação do desenvolvimento sexual” (RUITENBEEK, 1973, p.17–18).

A hipótese de Freud a respeito da origem da homossexualidade se sustenta a partir de sua ideia que o ser humano atravessa uma etapa fisicamente bissexual na infância. Logo, determinados fatores (Freud deu muita ênfase no Complexo de Édipo⁵) poderiam intervir na formação da identidade sexual do sujeito. Esta hipótese pode explicar alguns casos de homossexualidade, mas será capaz de explicar todos?

Ferenczi, um dos primeiros e mais destacado discípulo de Freud, via a designação “homossexualidade” abarcar fenômenos distintos e sem vinculação entre si. Para ele há dois tipos de homossexualidade bem diferentes, discriminados em ativos e passivos ou objetivo e subjetivo. Seria homossexual passivo ou subjetivo o homem que em sua relação com outros homens se sente mulher, ou seja, está “invertido” em relação ao seu próprio ego. Já o homossexual ativo ou objetivo não se sente mulher (geralmente tem aversão a elas), mas encontra prazer sexual em relações com homens (FERENCZI. In: RUITENBEEK, 1973):

Outra diferença óbvia entre o homoerótico "subjetivo" e "objetivo" é que o anterior (invertida) é atraído por homens fortes e mais maduros, e se comporta em termos amigáveis, como colega, comporta-se podemos dizer, como as mulheres; o segundo tipo, no entanto, se interessa quase exclusivamente por rapazes jovens e delicados, de efeminado aspecto, e trata as mulheres com antipatia manifesta, e não raramente com sentimento de ódio, manifesto ou precariamente oculto. O invertido puro raramente se sente compelido a procurar assistência médica; e é totalmente confortável em seu papel passivo e não abriga outro desejo senão que as outras pessoas tolerem a sua peculiaridade e não interfira no tipo de satisfação que lhe convém. [...] O homoerótico objetivo, por outro lado, sente-se extremamente atormentado por estar plenamente consciente da sua anormalidade; a prática sexual nunca o satisfaz plenamente. [...] Pode acontecer que dois tipos homoeróticos diferentes se juntam para formar um par. O invertido encontra o homoerótico objetivo um amante muito do seu agrado, que o adora, lhe auxilia em suas assuntos económicos e é imponente e energético (FERENCZI. In: RUITENBEEK, 1973, p. 22, tradução nossa).

Para Ferenczi a homossexualidade passiva ou subjetiva é uma etapa sexual intermediária, uma anomalia do desenvolvimento, já a homossexualidade ativa ou

⁵ Freud se inspira na tragédia grega de Édipo Rei para explicar o processo de estruturação da personalidade. Na tragédia grega Édipo mata o pai e casa com a mãe. Freud percebe na relação da criança com a mãe e o pai um jogo de sentimentos contraditórios, a criança quer o amor da mãe, mas tem o pai como obstáculo ou concorrente. Decide o menino ser como o pai para ter a mãe e assim começa o processo de internalização das normas sociais.

objetiva seria pelo contrário, uma neurose obsessiva. Qual tipo de homossexualidade se referia Freud na carta à mãe norte-americana? Mesmo Farenzi que entendia a homossexualidade como um conceito que abarcava fenômenos distintos, reconhecia a impotência da psicanálise para tratar seja qual fosse o tipo de manifestação homossexual.

Para Ceccarelli (2015), psicólogo e psicanalista, a homossexualidade é uma invenção ou artefato classificatório, uma construção simbólica fundamentada na ideia de uma sexualidade natural, heterossexual e para procriação. O autor destaca também um dado importante: a “homossexualidade”, como doença, só foi excluída do DSM (Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana) em 1973, após acalorados debates.

No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia com base em sua Resolução 001/99 estabeleceu como norma de atuação para psicólogos em questões de orientação sexual:

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas. Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades. Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999).

Apesar da resolução do Conselho Federal de Psicologia, há ainda muitos psicólogos e psicólogas que, por entender a homossexualidade como adquirida ao longo da vida, propõem mudança de orientação sexual de seus clientes (RIOS, 2011).

3 HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO CRISTÃ

Se no campo das ciências da saúde o debate foi tão acalorado e há poucos consensos, no campo religioso a discussão não é menor. O debate acerca da homossexualidade acaba provocando questões de fundo e muito caras para as igrejas cristãs. De questões de comportamento sexual e/ou orientação sexual o debate se volta para autoridade normativa da Bíblia e questões afins. Para os cristãos

sejam eles católicos, protestantes ou evangélicos, a Bíblia é a palavra de Deus e como texto inspirado é norma de conduta e fé.

A base do posicionamento cristão majoritário sobre o assunto da homossexualidade se funda em alguns textos tanto do Antigo como do Novo Testamento. No Antigo Testamento encontramos: “Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante” (Levítico 18.22). Como o texto diz claramente, a relação sexual entre um homem com outro homem seria repugnante.

No Novo Testamento encontramos nas cartas do apóstolo Paulo algumas orientações:

Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. (BÍBLIA SAGRADA: NOVA VERSÃO INTERNACIONAL, Romanos 1. 26-27).

Em outra carta o apóstolo Paulo acrescenta:

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus (BÍBLIA SAGRADA: NOVA VERSÃO INTERNACIONAL, 1 Coríntios 4. 9-10).

Com base nestes e outros textos bíblicos, o catecismo católico resume o posicionamento oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, cuja posição sobre a homossexualidade não é diferente dos protestantes e evangélicos:

A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres, que experimentam uma atracção sexual exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. Tem-se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. A sua gênese psíquica continua em grande parte por explicar. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves (103) a Tradição sempre declarou que «os actos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados» (104). São contrários à lei natural, fecham o acto sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afectiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados. Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas. Esta propensão, objectivamente desordenada, constitui, para a maior parte deles, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição. As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio duma amizade desinteressada, pela oração e pela

graça sacramental, podem e devem aproximar-se, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (VATICANO, 2015).

Portanto, no seu catecismo e com base no seu livro sagrado (a Bíblia), a Igreja Católica vê a homossexualidade como “atos desordenados”, contrários a lei natural (natureza) e por isso, devem ser reprovados. No entanto, reconhecem que os que manifestam essas “tendências” devem ser acolhidos pela igreja e que esta deve evitar uma “discriminação injusta”. Aconselha aos que manifestem essas “tendências” que se consagrem à castidade. Da mesma forma que um sacerdote abre mão da prática de relação heterossexual por motivo de voto sacerdotal, o homossexual deveria por seu turno, abdicar de uma vida sexual ativa, vivendo assim em castidade.

Um manual de aconselhamento muito usado por leitores e líderes evangélicos, “Aconselhamento cristão”, aborda o assunto da homossexualidade, e pela introdução se percebe o receio com que trata o assunto: “Por causa da controvérsia e confusão em torno deste tópico é quase certo que alguns leitores discordarão dos parágrafos seguintes” (COLLINS, 2004, p. 328). O assunto é tratado com muito receio e o autor promete não defender nenhuma teoria em particular, no entanto, reafirma a perspectiva cristã tradicional sobre o assunto – a homossexualidade é adquirida (aprendida), e logo, pode ser desaprendida.

Schneider, como teólogo, observa:

Quando tentamos, a nível de Igreja, formar uma opinião teológica que necessariamente terá implicações práticas imediatas para a vida de muitas pessoas, como é o caso do tema “homossexualidade”, toma-se aguda a necessidade de fazê-lo dentro dos princípios bíblicos maiores do amor e da justiça que norteiam a nossa existência cristã. Deus mesmo, com a sua graça criadora e sua misericórdia salvadora, pôs o parâmetro para um procedimento dessa natureza. Isso permitirá que nos distanciemos de medos e preconceitos entrincheirados atrás de dogmatismos unilaterais ou de fundamentalismos seletivos (SCHNEIDER, 1999, p. 28).

Amor, justiça e graça são princípios, como sustenta Schneider, que ao longo da história do movimento cristão tem revolucionado a forma de ver e interpretar a própria fé. Apesar das aparentes dificuldades hermenêuticas e teológicas que afetam as decisões das igrejas cristãs, a história tem demonstrado que mudanças doutrinárias ocorrem independentes das afirmações teológicas vigentes. Na verdade, a teologia, na maioria das vezes, se ajusta tanto aos princípios de amor, justiça e graça, como também às novas circunstâncias e exigências práticas da comunidade cristã. A fé se atualiza. Foi o que sucedeu ao longo da história da religião de Israel e,

principalmente, no primeiro século da era cristã, quando práticas judaicas, entendidas como divinamente orientadas, foram abolidas a partir de uma compreensão libertadora da fé cristã. Foi o caso da prática da circuncisão, da relação com os estrangeiros (chamados gentios), da proibição de certos tipos de alimentos e muitas outras práticas (cf. Atos 15). Não faz muito tempo, as igrejas evangélicas no Brasil enfrentaram o problema do divórcio, que até então não era aceito por conta da defesa do princípio bíblico da indissolubilidade do matrimônio. Mas os princípios de amor, justiça e graça, e, obviamente, necessidades práticas das igrejas, desafiaram a igreja a receber os divorciados. O princípio da indissolubilidade do matrimônio se manteve, mas o divórcio na maioria das igrejas foi aceito. A fé se atualizou.

Podemos esperar o mesmo para o entendimento da homossexualidade? É provável que sim⁶.

4 HOMOSSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

O debate sobre a homossexualidade passa necessariamente pelo espaço escolar. A escola como *locus* privilegiado de formação humana não pode abster-se da responsabilidade de tratar tão importante assunto. O homossexual está na escola, seja no papel de educador ou educando. A questão de orientação sexual, ignorada por muitos, tem sido motivo de *bullying*⁷, o que tem causado muito sofrimento para aqueles ou aquelas tidos como diferentes. Quando a escola toma para si a responsabilidade de pelo menos abrir o debate sobre o assunto, vozes contrárias se

⁶Nos EUA as igrejas batistas já contam com uma organização, [Association of Welcoming & Affirming Baptists \(AWAB\)](#), voltada para a inclusão de gays, lésbicas, transexuais, bissexuais, *Queer*, entre outros. Sua missão é criar e apoiar uma comunidade de igrejas, organizações e indivíduos comprometidos com a inclusão de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros na vida e missão das igrejas Batista.

Os Adventistas do Sétimo Dia também contam com uma organização semelhante, [Seventh-day Adventist Kinship International \(Kinship\)](#) cuja missão é proporcionar uma comunidade espiritual e social segura para os adventistas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais, suas famílias e aqueles que os apoiam.

A Igreja Católica no Brasil conta com o grupo [Diversidade Católica](#) que busca conciliar sua identidade religiosa e homossexual.

⁷ A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, considera como *bullying* “intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”. Geralmente o *bullying* ocorre no ambiente escolar (BRASIL, 2017).

opõem argumentando que esse papel é da família. Estará a família tratando devidamente do assunto?

4.1 OS VÍDEOS DO CHAMADO “KIT GAY”

O Ministério de Educação e Cultura tomou a dianteira no sentido de provocar o debate sobre gênero e orientação sexual no ambiente escolar. Dentre algumas iniciativas, cinco vídeos foram elaborados com esse fim: “Encontrando Bianca”, “Probabilidade”, “Torpedo”, “Medo do quê?” e “Boneca na mochila”. Vários deputados de partidos conservadores protestaram e convocaram o Ministro da Educação para apresentar esclarecimentos. Algumas pessoas sem mesmo assistir aos vídeos os rejeitaram e os apelidaram de “Kit gay”. No entanto, uma observação serena e imparcial reconhecerá a legitimidade dos mesmos e sua importância para o início do diálogo (debate) sobre o assunto nas escolas.

Vídeo 1: “Encontrando Bianca” - trata de um jovem de sexo masculino, mas cuja identidade de gênero é de mulher. José Ricardo quer ser chamado de “Bianca”, nome de sua atriz predileta. Passa a se vestir como mulher, quer usar o banheiro feminino e na chamada dos professores ser tratado por Bianca. Sofre *bullying* e teme ser agredida e às vezes acha que não vai aguentar permanecer na escola até se formar. O filme é sensível e retrata o drama do homossexual na escola.

Vídeo 2: “Probabilidade”- retrata a questão da bissexualidade. Leonardo é um adolescente que ao mudar de cidade deixa para trás sua namorada Carla. Na nova escola que retoma os estudos faz amizade com Mateus. A amizade de Leonardo e Mateus gera entre os colegas da escola risos e suspeitas. Leonardo não entende e depois de certo tempo Mateus lhe confessa ser gay. Em uma festa Leonardo conhece um primo de Mateus chamado Rafael. Na festa Leonardo e Rafael conversam a noite inteira. Na manhã seguinte quando se despedem Leonardo sente uma vontade estranha de beijar Rafael. Fica confuso. Na escola também se interessa por Bia. Após uma aula de probabilidade, Leonardo chega a conclusão: “Por que precisaria decidir entre ficar só com garotas ou com garotos se ele se interessava pelos dois?” O filme termina com a mensagem de que quando se gosta não importa ser garoto ou garota.

Vídeo 3: “Torpedo”- trata a questão do lesbianismo. Fotos retratando cenas aparentemente de namoro entre duas amigas adolescentes são colocadas na internet

e uma foto é colocada no corredor da escola. As duas ficam muito envergonhadas e não sabem o que fazer. Decidem assumir publicamente o relacionamento e enfrentar os olhares de estranhamento ou condenação dos amigos. O filme termina com o seguinte diálogo:

- Quer namorar comigo?
- Acho que a gente já está namorando.

Vídeo 4: “Medo do quê?”– retrata na forma de animação os principais momentos ou dilemas do homossexual na sociedade atual. Começa com o despertar do menino para a sexualidade, a descoberta da alternativa homossexual, as expectativas heterossexuais da família, a descoberta de uma orientação homossexual, os olhares de reprovação dos que estão em volta, a relação sexual homossexual, os medos vividos pelos indivíduos gays, a perda dos amigos, a descoberta pelo pai do namoro do filho com outro rapaz, finalmente a aceitação da família. Tudo é retratado com muita sutileza, uma linguagem mais imagética que verbal. Muito fácil de entender.

Vídeo 5: “Boneca na mochila”– Uma mãe é chamada urgente na escola porque a direção achou uma boneca na mochila do filho (o filho tinha cinco anos). Toda a história se desenrola dentro de um táxi. No carro a mãe começa a ouvir um programa de rádio que debate com especialistas o problema ocorrido na escola do filho. No debate, psicólogos, educadores e psiquiatras respondem a pergunta do radialista acerca do preparo dos professores em lidar com situações como aquela. Os psicólogos respondem que a escola geralmente não está preparada para lidar com a diversidade. Logo no início da entrevista, um psiquiatra diz que “os olhos do adulto veem aquilo que não existe. Um menino quando está brincando com boneca ele está dando os primeiros passos na direção do desenvolvimento de seu papel de pai”. Outras questões muito pertinentes são respondidas ao longo da encenação, inclusive sobre como educadores devem agir em situações semelhantes.

4.2 A RESOLUÇÃO Nº 12 DE 16 DE JANEIRO DE 2015 DO CNCD/LGBT

A Resolução nº 12 de 16 de janeiro de 2015 do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos LGBTs (CNCD/LGBT) orienta, entre outras coisas, as instituições e redes de ensino a garantir, aos que solicitarem, o tratamento

exclusivo pelo nome social, a inserção de um campo para o nome social nos documentos, o uso de banheiros, de uniforme, vestiários e outros espaços segregados por gênero de acordo com a identidade de gênero de cada sujeito (aluno/a) (BRASIL, 2015).

Já tramita na Câmara Federal vários Projetos de Lei (PDL) com o fim de sustar os efeitos da Resolução acima referida. É possível identificar os projetos dos deputados Alfredo Kaefer - PSDB/PR, Fábio Sousa - PSDB/GO, Alan Rick -PRB/AC, Silas Câmara - PSD/AM, Professor Victório Galli - PSC/MT, Jair Bolsonaro - PP/RJ, Pr. Marco Feliciano - PSC/SP. Há um requerimento de urgência para apreciação do projeto e apensos que visam sustar os efeitos desta Resolução assinados pelos deputados Alan Rick - PRB/AC, Celso Russomanno - PRB/SP, Rogério Rosso - PSD/DF, Leonardo Picciani - PMDB/RJ, Fernando Coelho Filho - PSB/PE, Domingos Neto - PROS/CE, Geovania de Sá - PSDB/SC.

Os argumentos básicos contrários à Resolução podem ser resumidos em dois: que a educação sexual e temas afins é dever da família e não da escola e que essas medidas disseminam ou promovem a prática homossexual. Novamente a lógica perversa e maniqueísta de afirmar os direitos ou visão de mundo de um grupo em detrimento dos direitos e visão de mundo do outro. Desde quando respeitar as diferenças nos torna todos iguais? Se a escola é lugar de formação para a cidadania, como se omitir na discussão de tão importante tema? Na escola, professores e alunos deveriam estudar e discutir a questão de orientação sexual sem coerção ou qualquer tipo de censura. O que a escola não pode fazer é doutrinar.

Conforme o Parecer nº 1 do CNCD/LGBT (BRASIL, 2015) a normatização do reconhecimento de identidade de gênero pode se dar por diferentes instrumentos e instâncias. Segundo este documento, já tomaram iniciativas de reconhecimentos de identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais “20 Universidades Federais, 5 Universidades Estaduais, 6 Institutos Federais de Educação ciência e Tecnologia” (p. 1).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homossexualidade é um fato social. Seja qual for a posição que se tenha sobre o assunto, o fato é que não pode ser ignorado. Geralmente todos os assuntos

correlatos à sexualidade são cercados de tabu e as pessoas sentem vergonha e medo de tratá-los. Justamente por esse motivo há tanta ignorância e posições pré-concebidas que geram preconceitos.

No campo religioso é preciso uma abertura para o diálogo, sensibilidade para com as questões teológicas-doutrinárias e ao mesmo tempo para as necessidades e sofrimentos dos homossexuais. Sabe-se de muitos homossexuais cristãos que querem ser acolhidos pelas igrejas e se sentem rejeitados. Rios (2011) observa grande presença de homossexuais no Candomblé e atribui essa presença ao acolhimento cuidador deste grupo religioso. As igrejas cristãs impulsionadas pela própria dinâmica da fé, que se atualiza, e sensíveis as circunstâncias e exigências práticas da comunidade, provavelmente irão repensar seu posicionamento em relação a homossexualidade.

Na escola questões de gênero e sexualidade devem fazer parte da formação. Como conteúdos formais ou oficiais já fazem parte, mas a mesma dificuldade que há em outros espaços da sociedade para tratar esses assuntos, há na escola. Muitos educadores evitam o assunto por medo de reações contrárias dos pais e responsáveis e o fato é que muitos não se sentem seguros em tratar o tema. Enquanto isso, alunos e professores sofrem por causa dos preconceitos.

A homossexualidade, como fato social relevante, precisa ser objeto da atenção não apenas da psicanálise, mas de todas as ciências que lidam com o humano, e esse conhecimento precisa ser divulgado de modo a superar preconceitos que, em geral, são fruto da ignorância. As igrejas e as escolas são espaços privilegiados de formação e devem por isso se abrir ao debate e ao esclarecimento. Cabe a toda a sociedade enfrentar esse desafio e, principalmente, ouvir o que os homossexuais têm a nos dizer.

HOMOSEXUALITY: PSYCHOANALYSIS, RELIGION AND EDUCATION

Abstract:

This article aims to reflect on homosexuality. It aims to verify the efforts of classical psychoanalysis to understand and define the phenomenon of homosexuality, which for many to this day is still surrounded by mystery, and to understand how the theme is treated within Christian churches and school. The author concludes that the early efforts of classical psychoanalysis to understand the phenomenon of homosexuality were intended to alleviate the suffering of those who faced the problem and sought therapeutic help. Currently, psychoanalysis/psychology tends to view homosexuality as a mere result of a social construction in order to classify individuals. In the religious sphere, Christian churches specifically, homosexuality is seen as sin and transgression of divine law and nature. However, the principles of love, justice, and grace along with the practical needs of churches tend to change in the future the perspective of churches on the subject. The school is another space in society where homosexuality manifests itself, whether in the bodies of the subjects or in educational materials. It is observed in Brazil an effort to make the school a space for the discussion of sexuality and gender issues, as well as recognition of the gender identity.

Keywords: Homosexuality. Psychoanalysis. Religion. Education. Policies.

HOMOSEXUALIDAD: PSICOANÁLISIS, RELIGIÓN Y EDUCACIÓN

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la homosexualidad. Se trata de verificar los esfuerzos del psicoanálisis clásico para entender y definir el fenómeno de la homosexualidad que, para muchos hasta hoy todavía está rodeado por misterio, y entender cómo el tema se trata dentro de las iglesias cristianas y de la escuela. El autor concluye que los esfuerzos iniciales del psicoanálisis clásico para entender el fenómeno de la homosexualidad se destinaron a aliviar el sufrimiento de aquellos que se enfrentaron al problema y buscaron ayuda terapéutica. Actualmente, el psicoanálisis/psicología tiende a ver la homosexualidad como un mero resultado de una construcción social, a fin de clasificar a los individuos. En la esfera religiosa, las iglesias cristianas específicamente, la homosexualidad es vista como pecado y transgresión de la ley divina y de la naturaleza. Sin embargo, los principios de amor, justicia y gracia junto con las necesidades prácticas de las iglesias tienden a cambiar en el futuro, la perspectiva de las iglesias sobre el tema. La escuela es otro espacio en la sociedad donde la homosexualidad se manifiesta, sea en los cuerpos de los sujetos o en materiales educativos. Se observa en Brasil un esfuerzo para hacer de la escuela un espacio para la discusión de cuestiones de sexualidad y género, así como un esfuerzo de reconocimiento de la identidad de género.

Palabras clave: Homosexualidad. Psicoanálisis. Religión. Educación. Políticas.

REFERÊNCIAS

BONECA na mochila. Direção: Marcos Ribeiro. Produção: TRES LARANJAS. São Paulo: ECOS, 1995. 1 Vídeo. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?t=1461&v=xGRTa7BPWy4> >. Acesso em: 25 jun. 2015.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Resolução nº 12 de 16 de janeiro de 2015**. Disponível em: < <http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012> >. Acesso em: 25 jun. 2015.

BRASIL (1). Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Parecer nº 01 de 16 de janeiro de 2015**. Disponível em: < <http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012-anexo> >. Acesso em: 25 jun. 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Disponível em: < <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/253144600/lei-13185-15> >. Acesso em: 26 nov. 2017.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE (SECAD/MEC). **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf >. Acesso em: 05 set. 2016.

BÍBLIA SAGRADA. NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. Disponível em: < <https://www.bibliaonline.com.br> >. Acesso em: 05 set. 2016.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **A invenção da homossexualidade**. Disponível em: < <http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/invhomo.pdf> >. Acesso em: 29 jun. 2015.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século XXI. São Paulo: VidaNova. 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **RESOLUÇÃO 1/99**. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf Acesso em: 25 jun. 2015.

DAVID, Pierre. **Psicanálise e família**. Santos: Martins Fontes, 1977.

DAMETTO, Jarbas; SCHMIDT, Júlia Cristina. Entre conceitos e preconceitos: a patologização da homossexualidade. IN: VON KRAFFT-EBING, Richard **Psychopathia sexualis**. PERSPECTIVA, Erechim. v. 39, n.148, p. 111-121, dez. 2015.

ENCONTRANDO Bianca. São Paulo: ECOS, [1995?]. 1 Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVGSrP-W3OM&list=PL06EBC4B4DADE9A10&index=3> Acesso em: 25 jun. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MEDO do quê? Direção: Reginaldo Bianco. Produção: Jah comunicações. Brasil: Instituto Promundo, Instituto PAPAI, ECOS, Saludy gênero, 2005. 1 Vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?t=1048&v=cloeUqBxhi0>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: SECAD/MEC, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2015.

RIOS, Luis Felipe. A prática psicológica e a sexualidade como categoria de subjetivação. In: **CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA**. Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos. Brasília: CFP, 2011.

RUITENBEEK, Hendrick M. (Org.). **La homosexualidad en la sociedad moderna**. Buenos Aires: Siglo Veinte, [1973?].

SCHNEIDER, Nélío. "Homossexualidade" no Novo Testamento Observações exegéticas e hermenêuticas. In: **Estudos Teológicos**, v. 39, n.1, p.27-35, 1999. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/702/636>. Acesso em: 25 jun. 2015.

TORPEDO. Produção: ECOS. São Paulo: ECOS, [2005?]. 1 Vídeo. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=TP_OjE_Fi2o&index=2&list=PL06EBC4B4DADE9A10 >. Acesso em: 25 jun. 2015.

PROBABILIDADE. Produção: ECOS. São Paulo: ECOS, [2005?]. 1 Vídeo. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=TEcra9BB0dg&list=PL06EBC4B4DADE9A10&index=1> >. Acesso em: 25 jun. 2015.

VATICANO. **Catecismo Católico**. Site oficial. 1992. Disponível em: < http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html >. Acesso em: 28 jun. 2015.

Artigo:

Recebido em 07 de Setembro de 2016.

Aceito em 13 de Julho de 2017.